

- 5 DEZ 1994

E o Metrô?

Gilberto Pauletti

CORREIO BRAZILIENSE

Obra pública geralmente tem o objetivo de atender a muitos interesses. Hipoteticamente, começa pelo interesse público, o da maioria. Depois, vem o governante, que fatura prestígio junto ao eleitorado por ser o autor — ou, pelo menos, o responsável — pela realização do projeto.

Há, também, um terceiro interessado, a iniciativa privada, representada pelos fornecedores e, principalmente, pelo prestador do serviço, nesses casos, as empreiteiras.

No Brasil, hoje, empreiteiro trabalhando para o governo é mais ou menos a mesma coisa que deputado federal emendando o orçamento. São todos bandidos, conforme os apressados julgamentos que vemos por aí.

Alguns, claro, não são tão apressados assim. São justos, até. Mas, de qualquer forma, são empresários que têm estado sob permanente suspeita. Vejam só o episódio mais recente das doações para campanhas eleitorais.

Mesmo que tenham comprado bônus e pago o valor de face, ou seja, o valor real, sem desconto (alguns espertos andaram negociando esses papéis com “deságio”), eles deixaram puritanos políticos em situação bastante constrangedora. A ponto de haver um movimento para arrecadar fundos e devolver o dinheiro.

Uma grande obra desta capital é o Metrô, já inaugurado, mas ainda sem prestar o serviço ao qual se propõe. Construir um metrô é, talvez, a única obra que, mesmo embaixo do solo, fica à mostra do eleitor.

Por isso, sempre foi muito bem vista pelos governantes.

Em outubro, circulou a informação de que o Governo do Distrito Federal não pagava mais os empreiteiros. A reportagem do **Correio Braziliense** saiu a campo para checar essa informação e constatou que alguns canteiros de obras estavam sendo desativados, operários estavam sendo mandados para casa e assim por diante.

Pois bem, chega ao fim uma gestão e a próxima terá de tomar um rumo. Disse o novo governador que, “aberto o buraco” a tendência é concluir as obras. Não se sabe ainda qual será o fôlego para tocar o Metrô para frente, mas é uma indicação.

Não se repetindo a experiência carioca, já será um progresso. No Rio de Janeiro, o ex-governador Moreira Franco decidiu levar o metrô até Ipanema. Abriu todos os buracos possíveis e logo depois abandonou-os.

Leonel Brizola herdou o abacaxi e gastou um bom dinheiro para fechá-los, além de reurbanizar algumas áreas. Até hoje, porém, há pedaços na Zona Sul abandonados, servindo de dormitório para mendigos.

E a Baixada Fluminense e Zona Oeste, que precisavam ter seus trens remodelados e mais eficientes, continuam do mesmo jeito, sem hora para sair ou para chegar à Central do Brasil.

Aqui na capital federal, nesta época, dá para preocupar os grandes buracos abertos, recebendo tanta chuva e repetidamente. Se não houver manutenção nas obras já realizadas, o que já foi feito até agora poderá desaparecer sob as águas.